

Crise não acirrou inflação

■ Alta do custo de vida permanece estável em meio a denúncias de corrupção

Cezar Faccioli

para o escândalo PC Farias. Detonada na segunda semana de maio, a partir de denúncias de Pedro Collor, a crise política, até agora, não rendeu efeitos colaterais sobre a evolução dos preços. Em São Paulo, o índice da Fipe mostra, desde então, estabilidade entre 22% e 23% na variação do custo dos produtos mais consumidos pelas famílias com renda de até oito salários mínimos. No Rio, a coleta nos supermercados, feita pela GPC Consultores, indica uma inflação de 20,9%, na segunda semana de junho, contra os 28% apurados no início do episódio PC.

O pior não aconteceu, como chegou a temer o próprio ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

ra. Maturidade da economia brasileira? Nem tanto. Na verdade, também ao contrário do anunciado pela equipe econômica, a fase de *fundo do poço* da recessão não chegou ao fim em abril. No mês de maio, e agora em junho, os números negativos continuaram perseguindo a indústria e o comércio. O suficiente, segundo os economistas, para barrar o movimento especulativo de remariação preventiva de preços, ensaiado, principalmente pelos oligopólios, a partir do caso PC.

ços com aumentos superiores a 30% foram rejeitadas. Simplesmente porque não há consumo", avalia Gil Pace, da GPC Consultores. Para o economista, as denúncias feitas por Pedro Collor, irmão do presidente, "acabaram provocando dupla recessão. Além da econômica, a recessão psicológica foi reforçada, pois, fora o medo do desemprego, o espantodiante da bagunça que tomou conta do governo leva os consumidores a adiar compras".

A precaução, no entanto, não se limita ao varejo. Pace lembra que, em função da própria mensagem de otimismo do Ministério da Economia, comércio e indústria reativaram ne-

comércio e indústria reatiraram negócios em maio. Só que as vendas não acompanharam esse sopro de euforia. Resultado: há estoques sobrando, o que também inibe tentativas de remarcações abusivas.

Prova de que a recessão não assuciou cores mais brandas, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) afirma que a queda

de 17,5% nas vendas se repetiu tanto em maio como no mês de abril, em relação aos respectivos meses do ano passado. E, em relação a abril, o desempenho da indústria fluminense em maio foi 4,5% mais fraco. Em São Paulo, o comércio fechou em baixa de 15,55% sobre maio de 1991, enquanto a indústria apresentou redução de 7,5% em relação ao mês anterior.

da forte restrição da demanda, que explica a manutenção dos níveis da inflação diante do escândalo PC: até agora, a credibilidade da equipe econômica não foi atingida. "Para os empresários, o ministro Marcilio tem postura ética, de moderação. Ele representa a estabilidade na economia. Assim, as expectativas não passam por choques ou outras mudanças radicais nas regras do jogo. Por isso, não há porque sair remarcando preços loucamente", analisa Rodolfo.

Sua análise é confirmada pelas declarações do fabricante de Coca-Cola, no Rio, Antonio Carlos Vidigal. “A equipe econômica é competente. Não vai haver dolarização nem reintrodução”, acredita o empresário, que, apesar do confronto entre os irmãos Collor, vai manter, no planejamento de seus negócios, a previsão de queda gradual da inflação — de um a dois pontos percentuais por mês. “A crise política não vai durar muito, pois a CPI trabalha rápido”, prevê Antonio Vidigal.

Não há dúvidas, lembra Rodolfo

— Não há dúvida, tembra Rodolfo Grandi, de que, se a credibilidade do governo afetar Marcílio Marques Moreira, a inflação vai disparar. Daí a estratégia do presidente Collor de reforçar o prestígio e a força política do ministro da Economia. Uma tática assim definida por Gil Pace: “Marcílio está avalizando a duplicita Fernando Collor de Mello.”

